

REDAÇÃO MODELO

Bullying: os limites entre a brincadeira e a agressão.

Para discorrer sobre bullying, um clássico da literatura brasileira vem à tona: O Ateneu, de Raul Pompeia – sob a direção do diretor Aristarco, os alunos do Colégio Ateneu sofrem advertências e intimidações vexatórias e cruéis. Muito embora a nomenclatura seja relativamente nova, o bullying sempre existiu – no recinto escolar, muitas vezes, começa com situações de brincadeiras de mau gosto, que terminam em violência. Sem dúvida, o baixo rendimento e a evasão escolares não só da vítima, mas também do agressor, estão implicados a esse fato, que pode ser abrandado tão logo pais e educadores estiverem mais bem preparados para intervirem. Assim, é preciso admitir que, quando o assunto envolve comportamento, a educação deve ser priorizada.

Nesse sentido, pesquisas recentes apontam que 60% dos jovens entre 14 a 19 anos já sofreram bullying na escola; 47% dos casos resultaram mortes. Estudiosos destacam ainda que agressor e vítima têm baixo desempenho escolar e, com isso, emocionalmente desequilibrados, tendem a abandonar a escola. Porém, comumente, joga-se luz apenas sobre a vítima, que precisa da atenção dos profissionais da saúde tanto quanto o agressor, que, muitas vezes, traz consigo algum transtorno emocional – é certo que, situações como essas, causam alto nível de sofrimento psíquico, que, por sua vez, deságua em atitudes violentas. É, pois, inegável: por detrás de uma brincadeira de mau gosto, o bullying tem se despontado.

Ademais, é preciso anotar a importância dos educadores na prevenção, na mediação e na solução de situações em que o agressor, manifestamente, põe em risco toda a harmonia e a segurança que se espera no âmbito escolar. Ora, estar em sala de aula para, apenas, lidar com o conteúdo programático já não faz parte do contexto atual – o educador há de estar formalmente preparado para atuar em outras esferas da Educação, que dizem respeito à formação cidadã. Paulo Freire já falava em uma “cultura da paz”, que deve ser salvaguardada pela Educação, e, para tanto, o respeito e o apreço pelo diferente são imprescindíveis – lições que, inclusive, deveriam vir de casa.

Portanto, é necessário que Estado e sociedade armem-se em defesa da formação educacional e cidadã. Assim, o MEC deve capacitar melhor os profissionais da educação para lidarem com o problema, por meio de cursos de extensão desenvolvidos por especialistas da área da Psicopedagogia, a serem ministrados obrigatória e periodicamente, a fim de que prezem pela integridade física e mental de toda a comunidade escolar. Ao alunado e às respectivas famílias, o MEC deve promover palestras com profissionais da área das ciências sociais, com vista a conscientizar a comunidade acerca dos riscos a que todos estão expostos diante de situações de bullying. Feito isso, o ambiente escolar será lugar de convivência pacífica, harmoniosa e, sobretudo, racional.

Por Gislaíne Buosi

Confira a análise estrutural da dissertação:

Apresentação do tema, com repertório próprio;

Síntese do 1º argumento;

Síntese do 2º argumento;

Tese que sinaliza a proposta de intervenção;

Conectivo interparágrafo + Desenvolvimento do primeiro argumento;

Conectivo interparágrafo + Desenvolvimento do segundo argumento;

Conectivo interparágrafo + Proposta de intervenção – agente, ação, modo/meio e efeito, com detalhamento da ação.